

A MORTE COMO RECURSO NARRATIVO NA CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS DA DISNEY¹

Sara Teixeira Pedrosa²
Geórgia Cynara Coelho de Souza³
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: O presente trabalho discute a pesquisa desenvolvida pela autora sobre a utilização recorrente da morte como um recurso narrativo no desenvolvimento de personagens nos filmes de animação da Disney. Analisando as animações Bambi (1942) e O Rei Leão (1998). A pesquisa teve como fundamento conceitos de Christopher Vogler em A Jornada do Escritor (1998) e a estrutura em três atos por Linda Seger em Como Aprimorar Um Bom Roteiro (2007). Além de evidenciar semelhanças nas narrativas.

Palavras-chave: Morte. Bambi. Simba. Protagonista. Animação.

Resumo expandido: Esta monografia se propôs a investigar a função narrativa da morte na construção da jornada do protagonista, nas animações da Disney. Visou-se como objetivo principal descobrir a relevância, a motivação da utilização da morte, frequentemente no âmbito familiar, como recurso narrativo na construção do arco dramático e desenvolvimento de personagens nos filmes de animação da Disney. Como objetivo específico pretendeu-se averiguar a função dramática da morte na narrativa cinematográfica. A metodologia utilizada foi a análise fílmica comparativa das animações Bambi (1942) e O Rei Leão (1994), estabelecendo em quais pontos os universos ficcionais se assemelham e onde diferem-se; analisando a composição da estrutura em três atos e arco dramático e a jornada do herói.

Observando as consequências na jornada do protagonista após a ocorrência da morte. A escolha pela realização da análise dos dois filmes ocorreu a partir da observação de semelhanças na estrutura da narrativa e da intensidade da ocorrência da morte, sendo um momento que marcou diferentes gerações, uma vez que Bambi foi lançado no ano de 1942, O Rei Leão, por sua vez, foi lançado no ano de 1994, sendo a maior bilheteria da Disney nos anos 90. Mais de cinquenta anos se passaram entre o lançamento dos longas.

A pesquisa fundamentou-se em três principais autores: Christopher Vogler e sua análise da jornada do protagonista em A jornada do escritor (1998); Linda Seger e a composição da estrutura em três atos em Como Aprimorar um Bom Roteiro (2007); Vladimir I. Propp e a função da morte quando utilizada como recurso narrativo em Morfologia do Conto Maravilhoso (2001).

¹ Trabalho apresentado na 12ª Semana de cinema e audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (SAU UEG) e 2º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central (EECABC), que ocorreu na cidade de Goiás (GO) de 14 a 16 de junho de 2023.

² Graduanda no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: sarapedrosa2011@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Docente efetiva do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: georgia.cynara@ueg.br

Sob a perspectiva estabelecida a partir das análises fílmicas realizadas, confirma-se a hipótese de que a ausência da figura materna ou paterna, a utilização da morte como um recurso narrativo, ocorre para que os protagonistas tenham uma maior autonomia em suas decisões e jornadas, influenciando no veredito de aceitar o chamado à aventura.

Além disso, a morte como recurso narrativo pode aparecer encarregada de diferentes funções como: punição e castigo, redenção e salvação, em prol do protagonista. Um exemplo é a morte da Bruxa que envenena Branca de Neve, em *A Branca de Neve e os Sete Anões* (1937), a personagem morre ao tentar fugir logo após envenenar a protagonista, um raio atinge uma pedra de um penhasco do qual a Bruxa está, a fazendo cair, podendo ser interpretada como uma forma de castigo, punição. Já a morte temporária de José Bezerra, em *Enrolados* (2010), ocorre quando o personagem tenta proteger a protagonista, mas a morte é revertida pelos poderes curativos das lágrimas de Rapunzel.

Há dois casos específicos de animações da Disney que utilizam a morte como um recurso temporário para iniciar e impulsionar a jornada do herói, são eles: *Viva, a Vida é uma Festa* (2017) e *Soul* (2020). Em *Viva*, a morte é retratada sob uma perspectiva cultural do México e o Dia de Los Muertos (feriado de finados, em 02 de novembro). Miguel, o protagonista, visita o mundo dos mortos. No longa-metragem *Soul* (2020), o mesmo ocorre quando Joe, o protagonista, está em uma situação de morte temporária e visita o mundo das almas, desta vez, a morte é explorada em seu aspecto místico, uma espécie de vida após a morte. No caso específico de *Bambi*, verifica-se que a utilização da morte como um recurso narrativo realiza-se devido ao contexto mundial vigente na época em que o longa foi lançado, no ano de 1942, quando a Segunda Guerra Mundial seguia instaurando-se pelo mundo. Uma vez que a sétima arte é um meio de comunicação produzida em um determinado contexto, a animação proporciona um primeiro contato com situações trágicas de uma forma ilustrativa, lúcida, dialogando com as crianças, grande público dos filmes de animação da Disney. Assim, caso se depararem com situações trágicas, das quais estavam mais suscetíveis a vivenciar devido aos horrores da guerra, soubessem que apesar das tragédias que permeiam os caminhos, é possível restabelecer-se, retornar para casa, reencontrar o amor, e até mesmo formar uma família; de que é possível ter uma vida plena.

Tendo em vista os fatos e análises apresentadas, é possível observar semelhanças na estrutura narrativa dos filmes utilizados como corpus de pesquisa. Existem diferenças de estrutura entre os dois, entretanto, as semelhanças tornam-se mais evidentes. Desta forma, é possível afirmar a recorrência da “fórmula secreta”, que se refere à utilização de uma estrutura

semelhante na construção dos três atos nos filmes de animação da Disney - estrutura esta que evidencia a importância da utilização do elemento morte no desenvolvimento de personagens.

Referências Bibliográficas

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Editora: CopyMarket.com, 2001.

SEGER, Linda. **Como Aprimorar Um Bom Roteiro**. São Paulo: Editora Bossa Nova, 2007.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**. Estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.